

DIAGNÓSTICO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE FORMOSA-GO

DIAGNOSIS OF CONSTRUCTION WORKERS OF FORMOSA-GO

Wanderley Rodrigues Magalhães

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Formosa
wanderley-magalhaes@hotmail.com

Amom Chrystian de Oliveira Teixeira

Professor do Curso de Geografia da UEG - Campus Formosa
amomteixeira@gmail.com

Thiara Messias de Almeida Teixeira

Professora do Curso de Geografia da UEG - Campus Formosa
thiaramessias@gmail.com

Ivani Marisa Cayser

Professora do Curso de Geografia da UEG - Campus Formosa
marisacayser@hotmail.com

Resumo

O presente estudo faz um diagnóstico dos trabalhadores da construção civil da cidade de Formosa-GO, especialmente quanto as suas características educacionais e socioeconômicas. A metodologia aplicada constituiu-se no levantamento bibliográfico e na aplicação de 33 questionários aos trabalhadores do setor em diversos canteiros de obras espalhados pela cidade. Os resultados indicam que, embora na visão dos trabalhadores sua qualidade de vida tenha melhorado nos últimos anos, o setor ainda é marcado pela baixa escolaridade e formação técnica, reflexos do processo histórico que levou a formação dos trabalhadores através da prática, em geral, migrantes da zona rural e de outros municípios e regiões do país, que iniciaram suas atividades ainda muito jovens. O resultado é um setor da economia dominado pela informalidade, baixos salários e por condições precárias de trabalho.

Palavras-chave: trabalho, renda, informalidade.

Abstract

This study analyzes make a diagnosis of civil construction workers of the city of Formosa-GO, especially as to their educational and socioeconomic characteristics. The applied methodology consisted in the revision of literature and application of 33 questionnaires to construction workers in various construction sites throughout the city. The results indicate that although the workers view their quality of life has improved in recent years, the sector is still characterized by low education and technical training, reflections of the historical process that led to the formation of workers through practice, in general, migrants the countryside and other cities and regions of the country, which began operations still very young. The result is a sector of the economy dominated by informality, low salaries and poor working conditions.

Keywords: work, income, informality.

Introdução

O Brasil passou nos últimos anos por um período de crescimento econômico sólido que se refletiu em ciclos de crescimento do setor imobiliário e na melhoria da urbanização das cidades e metrópoles (ROLNIK e KLINK, 2011). Segundo o Sindicato Nacional da Indústria do Cimento – SNIC (2010), o bom momento da economia, o aumento da renda das famílias, as ações do governo para minimizar o déficit habitacional do país com linhas de créditos, com financiamentos facilitados, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), Minha Casa Minha Vida e os eventos como a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e Olimpíadas em 2016, refletiram positivamente no mercado de trabalho e, sobretudo no setor da construção civil. Como contraponto a essa perspectiva dos ganhos econômicos, destacam-se os vários impactos negativos associados ao endividamento público, emprego, e infraestrutura das cidades. Além de várias irregularidades no uso de recursos do PAC, ligadas principalmente, a má gestão de dinheiro público e corrupção (RODRIGUES e SANTOS, 2015).

A construção civil, através do tempo e da história do ser humano, serviu para atender umas das primeiras grandes necessidades do homem: o abrigo. No âmbito econômico é um setor importante pela geração de emprego e porque movimenta a economia, além de serem os trabalhadores desse setor, os responsáveis pela construção das cidades. Desempenha um papel importante para o capitalismo, estabelecendo os padrões de recorte do solo. Esse segmento da indústria, bastante importante na produção e reprodução do espaço urbano, o qual, junto com outras frações do capital, como o financeiro, sobretudo, atua em novas frentes de valorização no urbano, como projetos de revitalização/requalificação na cidade.

É um setor gerador de consumidores de espaço, em que o ajuste físico e locacional dividido entre os proprietários fundiários, promotores imobiliários e o Estado participam diretamente como autores na regulação do uso do solo urbano (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2012).

A indústria da construção civil é de grande importância para o desenvolvimento do país, tanto do ponto de vista econômico quanto social, pela capacidade de absorção de grandes quantidades de mão de obra. Apesar disso, este é um setor marcado por trabalhadores vindos de camadas mais carentes da população com predominância do baixo nível de escolaridade, elevadas taxa de analfabetismo e vulnerabilidade social.

Para Corrêa (1999), os trabalhadores da construção civil participam da produção do espaço urbano como grupos sociais excluídos, e fazem parte das camadas sociais que não têm acesso adequado aos bens e serviços oferecidos pela cidade, habitando em cortiços,

loteamentos periféricos e favelas, onde atuam como agentes ativos modeladores do espaço urbano.

Para Ivanilda Silva (2006), o setor da construção civil se destaca como atividade intensiva em mão de obra, demandando muitos empregos de baixa qualificação, que atendem às camadas menos instruídas e mais carentes da sociedade. Em Formosa-GO, essa realidade não é diferente.

O município de Formosa possui aproximadamente 115 mil habitantes e está localizado na microrregião do Entorno do Distrito Federal (Figura 01) que apresentou crescimento elevado nas últimas décadas, em decorrência da rodovia de ligação com a capital do país (BR 020) e das ações do governo federal. A Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios – PMAD (2014), indicava que em 2013 o setor abrangia cerca de 7,8% da população ativa do município.

Apesar de ser um setor de grande importância para a sociedade, o trabalhador deste segmento encontra-se em situação de precarização social, sendo marginalizado em decorrência da baixa qualificação necessária para o exercício da função e do baixo-nível de escolaridade. Por isso, possuem segundo Kelly-Santos e Rozemberg (2006), autoimagem de pessoas abandonadas, "escravos da sociedade", que têm vergonha de se identificar como trabalhadores desse ramo de atividade.

Dado ao que foi exposto, este trabalho faz um diagnóstico do perfil dos trabalhadores da construção civil da cidade de Formosa-GO, especialmente quanto as suas características educacionais e socioeconômicas.

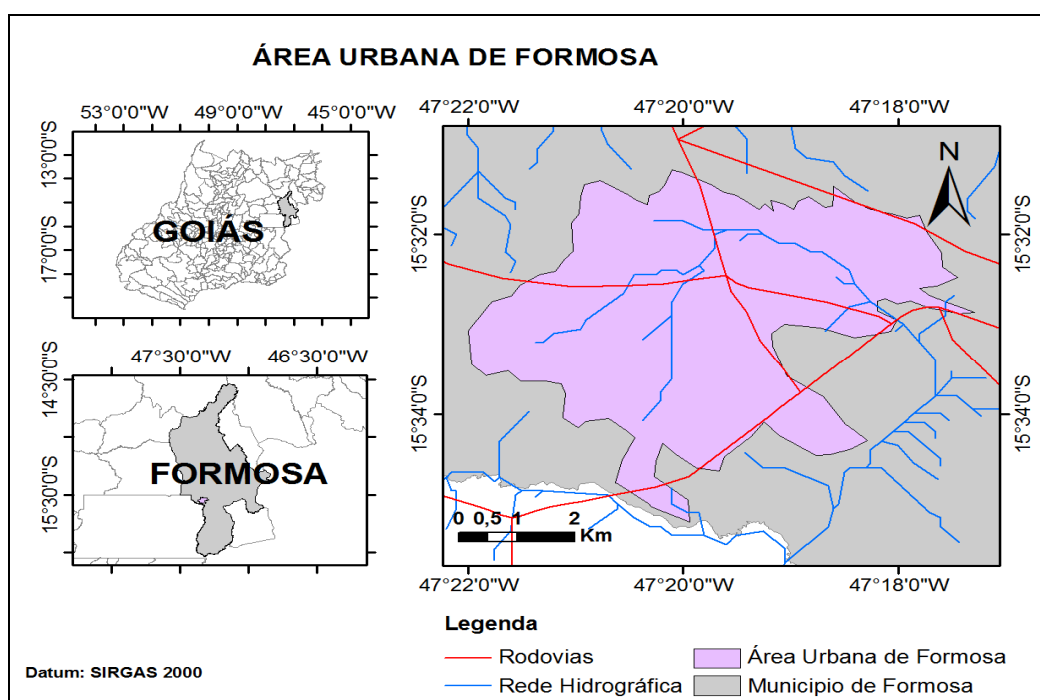


Figura 01: Localização da área urbana de Formosa-GO.

Metodologia

As etapas da pesquisa constituíram-se em pesquisa bibliográfica, observação do ambiente de trabalho da construção civil na cidade de Formosa, com registro fotográfico e a aplicação de questionários aos trabalhadores dos diversos canteiros de obras espalhados pela cidade. Os questionários foram aplicados em agosto de 2015 a trabalhadores autônomos em obras de pequeno porte e de três empresas de construção que atuam no município.

Os questionários continham 18 questões objetivas, buscando informações acerca da origem dos entrevistados, idade, média salarial, nível de escolaridade, de como aprenderam as técnicas de construção, e sobre suas expectativas de melhorias na qualidade de vida. Estes questionários foram distribuídos a 40 trabalhadores da construção civil, sendo respondidos e devolvidos ao todo 33 questionários.

Resultados e Discussões

De acordo com as informações obtidas através dos questionários, as principais funções no canteiro de obras são a de pedreiro e ajudante de obras (cerca de 2/3 dos que informaram a função), seguidos pelos carpinteiros, eletricitistas, pintores, bombeiros hidráulicos e mestres de obras. Os resultados refletem a demanda do universo da construção civil, onde as profissões mais requisitadas são as de pedreiro e ajudante de obras, e a baixa utilização de mão de obra de maior especialização, como engenheiros e arquitetos, principalmente em trabalhos pequeno porte.

A idade dos trabalhadores desse setor é elevada, sendo a maior parte, em faixas acima dos 30 anos de idade (Gráfico 01). Apenas 15% dos investigados apresentam idade inferior a 30 anos, mostrando o envelhecimento dessa classe trabalhadora na cidade e o quanto ela não é atrativa para o jovem, o que pode indicar uma taxa de renovação abaixo do desejável. Tal envelhecimento, já foi observado em outras partes do país, como na cidade de São Paulo, onde no início da década passada a idade média dos trabalhadores era de 37 anos e no início dessa década subiu para 41 anos (GARCIA e DIAS, 2011).

Essas mudanças podem ser atribuídas ao aumento recente da escolaridade média da população do país, à entrada mais tarde dos jovens no mercado de trabalho em busca de melhor qualificação para ocupações mais altas no setor (NERI, 2011), à criação de oportunidades em outros setores, às condições precárias de trabalho da construção civil e à baixa valorização da profissão que afastam os jovens dessa área de trabalho.

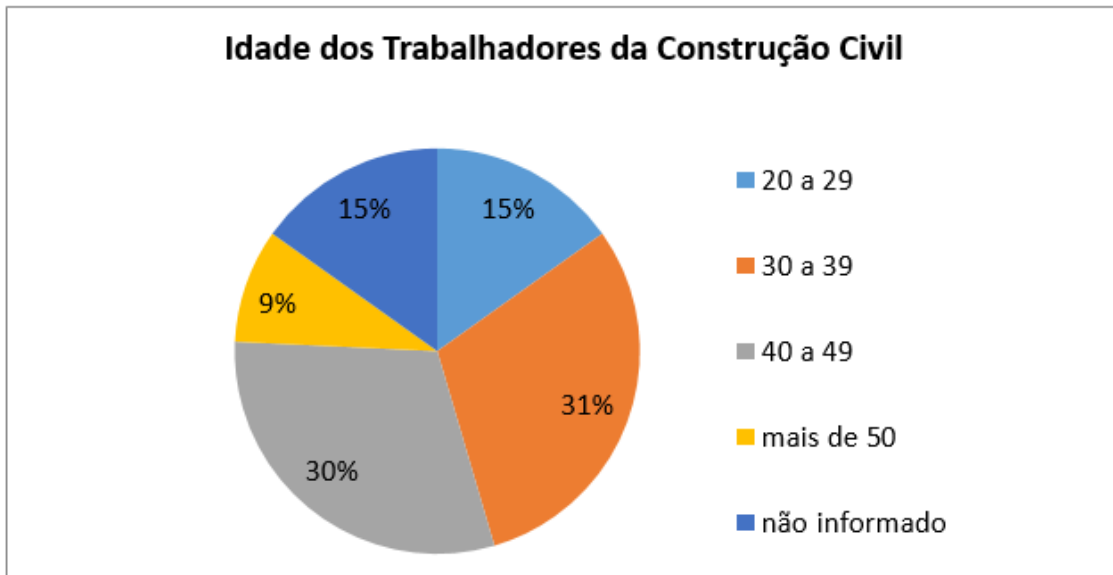


Gráfico 01: Idade dos trabalhadores da construção civil entrevistados em Formosa-GO em 2015.

Embora o setor seja hoje constituído por uma população envelhecida, a maior parte dela ingressou cedo no mercado de trabalho, em que mais da metade iniciou suas atividades antes de completar a maioridade, e apenas 9% começou após os 30 anos de idade (Gráfico 02).

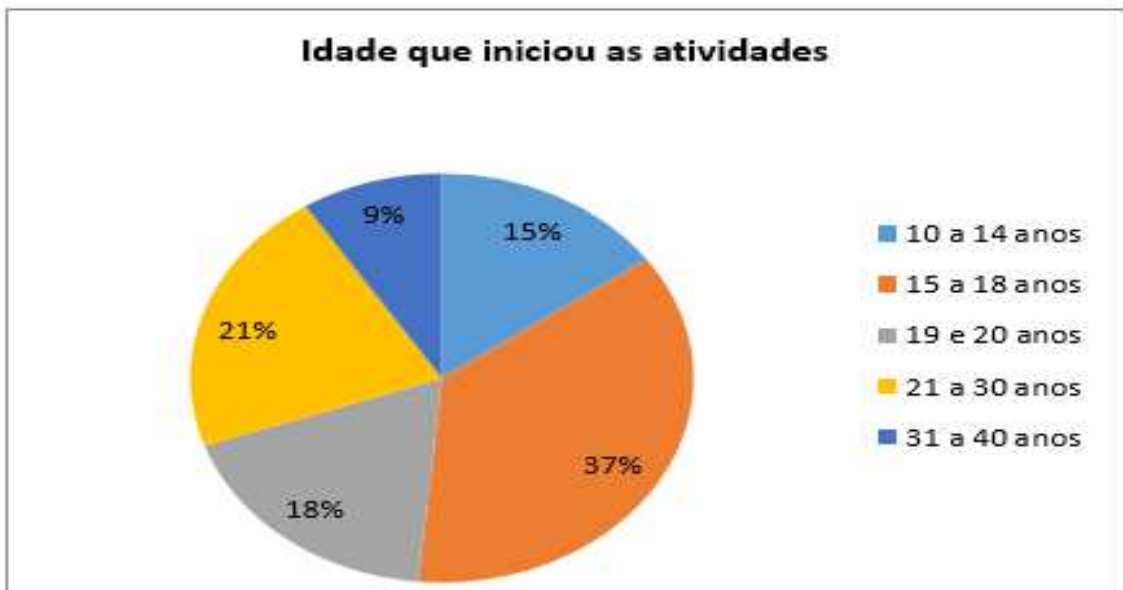


Gráfico 02: Idade em que os trabalhadores entrevistados em Formosa-GO iniciaram suas atividades na construção civil em 2015.

Historicamente, a construção civil é um setor que emprega pessoas que começam a trabalhar muito cedo. De acordo com Iriart *et al.* (2008) e Neri (2011), os trabalhadores deste setor, em geral, iniciam suas atividades antes da maioridade e durante a idade em que deveriam estar frequentando a escola. Isso influencia negativamente na sua escolaridade e

qualificação para o mercado de trabalho, tendo como consequências a defasagem na aprendizagem e a evasão escolar. Este efeito pôde ser percebido nos dados da pesquisa que mostram que 69% dos pesquisados não concluíram o ensino médio, e 42% desses, não possuem nem o ensino fundamental completo (Gráfico 03).

Além do início precoce das atividades que atrapalham a educação formal dos trabalhadores, é necessário observar que este é um setor que historicamente emprega as classes menos instruídas da população e absorve contingentes populacionais do êxodo rural, que no Brasil, possuem menor grau de escolaridade.

Por necessitar de pouco conhecimento técnico e pouca escolaridade, sendo um trabalho principalmente braçal, além de necessitar de poucos investimentos materiais na profissão, a construção civil é considerada uma válvula de escape para muitos trabalhadores, absorvendo pessoas de outros segmentos que momentaneamente encontram-se desempregadas.

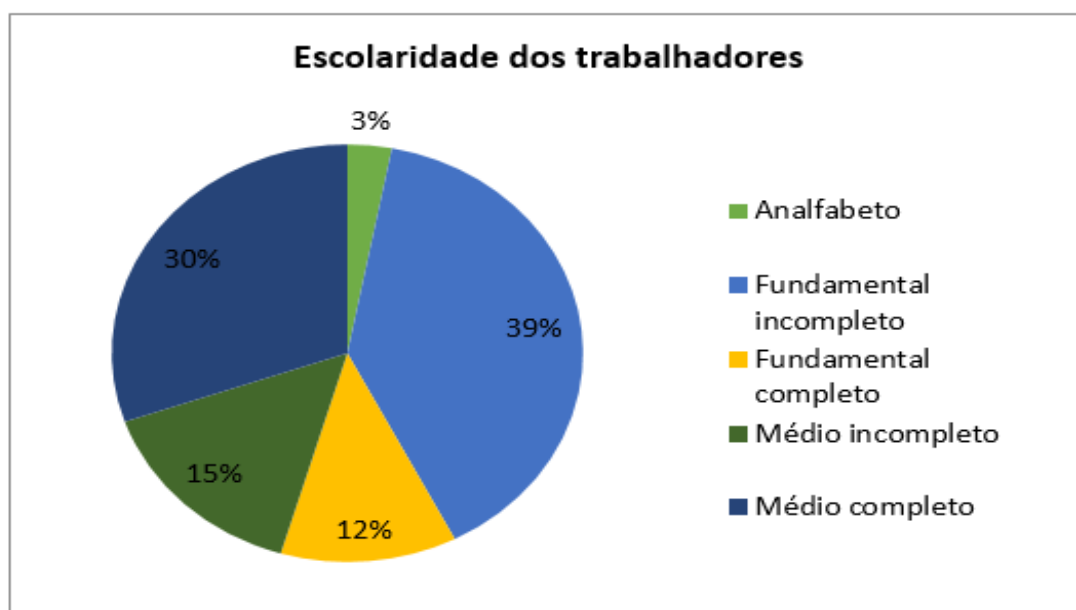


Gráfico 03: Escolaridade dos trabalhadores da construção civil entrevistados em Formosa-GO em 2015.

Segundo Mendes (2010, p.5), no Brasil “um dos fatores que contribuíram para a expansão do setor da construção civil no decorrer dos anos foi o expressivo contingente de mão de obra proveniente do campo”. Desde o êxodo rural, a construção civil tem sido o ponto de apoio para trabalhadores proveniente da zona rural que chegam sem qualificação profissional e veem nos canteiros de obras sua única opção de emprego.

Em Formosa, a maior parte dos trabalhadores da construção civil é migrante de outras cidades (70%) – inclusive outras regiões como Sudeste e Nordeste – e da zona rural do

município, que procurando melhores condições de vida para eles e suas famílias, migram para a zona urbana, onde, em decorrência de programas federais e da duplicação da rodovia que liga a cidade à Brasília, houve crescimento nos últimos anos.

As entrevistas revelaram que quase metade (45%) dos entrevistados é proveniente de atividades do meio rural, seguidas das atividades do setor terciário como comerciantes (19%), motoristas (9%) e mecânicos (3%). Os números reforçam as características da construção civil de Formosa e de grande parte do Brasil, a de absorver os trabalhadores desalojados de outros setores, especialmente rurais e, como visto, tem impactos no nível de escolaridade dos trabalhadores do setor.

Fora da escola e com formação acadêmica deficiente, a formação profissional na construção civil destes trabalhadores se deu em sua maioria pela prática, sendo este, o método de aprendizagem de mais de 85% dos que participaram da pesquisa, e 15% fizeram cursos profissionalizantes. A Figura 02 mostra operários da construção civil em Formosa, em seu ambiente de trabalho.



Figura 02: Construção de prédio no Setor Sul em Formosa, um dos bairros mais valorizados da cidade em 2015.

A baixa qualificação profissional formal tem diversos efeitos, entre os quais, o alto índice de acidentes. Por causa do seu tamanho e sua área de abrangência, a construção civil se torna uns dos setores com maior incidência de acidentes no Brasil. Segundo os dados do

Anuário Estatístico de Acidente de Trabalho - AEAT (2014), em 2008 os acidentes na construção civil representaram 8,9% do total. Para Pereira (2014), os acidentes de trabalhos podem ter consequências muito variadas, desde um simples evento sem grandes sequelas com um retorno imediato as atividades até os casos mais graves e o óbito. Neste trabalho, cerca de 15% dos trabalhadores entrevistados revelaram já ter sofrido acidentes, número que pode ser ainda maior já que mais tarde verificou-se que muitos deles contabilizam eventos como acidentes de trabalho apenas se tivessem sido efetivamente afastados das funções por algum tempo.

Outro efeito da baixa qualificação é sua contribuição para formação do valor dos rendimentos dos empregados, e diversas pesquisas relacionam a formação educacional aos rendimentos. Fioravante (2007) observa que a importância da qualificação da mão de obra pode ser observada por meio da desigualdade salarial e do emprego.

O ganho real dos trabalhadores, que se reflete no poder de compra de seus salários, nos últimos anos passou por um crescimento, dado ao desenvolvimento econômico recente do país (2010-2013). Segundo a RAIS/TEM, entre 2004 e 2010 o salário médio dos trabalhadores da construção civil cresceu 30%, refletindo-se positivamente no em seu poder de compra (BRASIL, 2011). Em 2015, o piso salarial estipulado pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Brasília (STICMB) que tem correlação com os trabalhadores do município de Formosa, é de R\$ 897,60 reais para servente, R\$ 990,00 para os meio-oficiais e de R\$ 1.381,60 para o profissional oficial (STICMB, 2015).

A partir dos dados colhidos juntos aos pesquisados verifica-se que cerca de 1/3 destes recebem entre R\$ 788,00 e R\$ 1.000,00 (por volta de um salário mínimo) e mais de 80% recebem até R\$ 2.000,00 reais (Gráfico 04). Embora a maior parte das empresas da cidade pague o piso, a heterogeneidade dos salários é em decorrência do grande número de trabalhadores autônomos. Os trabalhadores autônomos podem receber valores inferiores ou superiores ao piso, mas em geral, não contribuem para previdência e não contam com outros benefícios legais que dão maior segurança ao trabalhador.

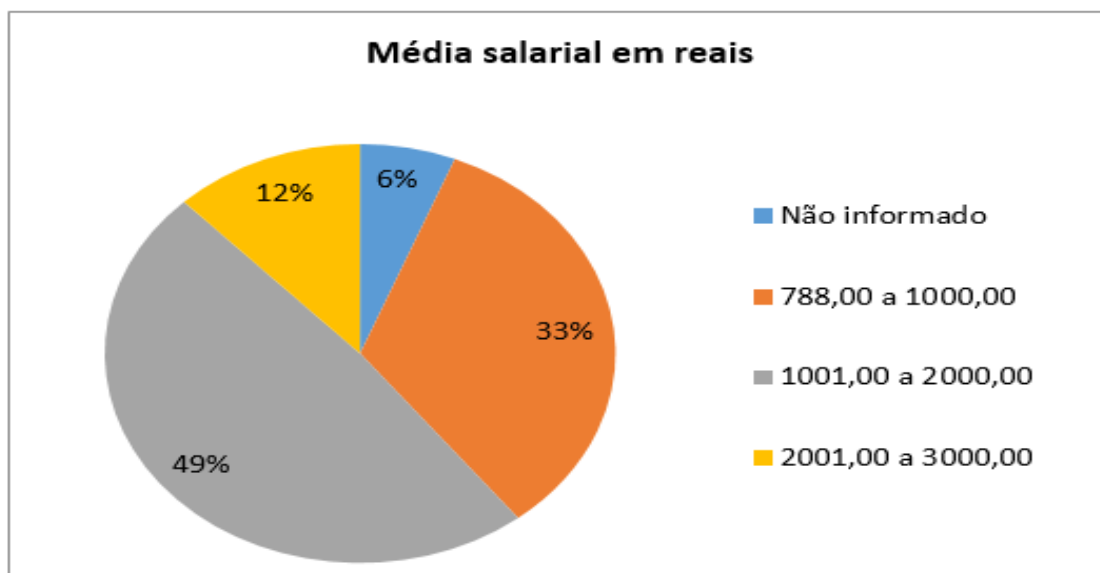


Gráfico 04: Média salarial dos trabalhadores da construção civil entrevistados em Formosa-GO.

Esse contingente de trabalhadores autônomos é influenciado pelo crescimento da malha urbana de Formosa, com criação de novos bairros e conjuntos habitacionais, gerando uma demanda de mão de obra voltada para a construção. Embora haja diversos empreendimentos de construtoras, as maiores partes das construções da cidade ainda são feitas por moradores, estes contratam trabalhadores autônomos do setor, pagando principalmente sob a forma de diárias sem assinar a carteira de trabalho.

A pesquisa constatou que dois em cada três trabalhadores pesquisados estão na informalidade sem vínculos empregatícios ou carteira assinada. Os dados obtidos indicam que o trabalho na construção civil em Formosa não reflete os avanços que ocorreram neste setor nos últimos anos, já que, segundo informações da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário – ADEMI (2011), no país como um todo houve, entre 2003 e 2011, um crescimento de 95,2% do número de trabalhadores com carteira assinada, crescimento superior aos demais setores da economia, nos quais o número de trabalhadores formais cresceu 48,2%.

Apesar dos baixos salários e da qualificação deficiente, a maior parte dos trabalhadores desse setor (66%) possui casa própria, embora situadas em bairros periféricos influenciadas pelo crescimento horizontal da cidade, autoconstruções em terrenos menos valorizados. Esses números são ligeiramente menores que os apontados para o Brasil pela Fundação Getúlio Vargas, por sua vez obtidos a partir do PNAD/IBGE, segundo essa instituição em 2009, o percentual de moradores deste setor que tem casa própria é de cerca de 70%.

A última questão dada aos trabalhadores da construção civil foi sobre sua percepção de melhora nas condições de vida nos últimos anos. Para Sampaio (2004), a qualidade de vida das pessoas está relacionada a satisfação do indivíduo com o trabalho, a família, o lazer, os amigos, a religião e a afetividade. Segundo este autor, originalmente o termo qualidade de vida teve origem nos Estados Unidos da América, caracterizados pelo comportamento de consumo de bens materiais.

Essa melhoria tem sido percebida por 85% dos trabalhadores pesquisados, atribuindo-as, principalmente, aos governos Lula e ao Plano Real. As modificações no setor nos últimos anos refletiram-se positivamente no emprego, na renda e no poder de compra para as famílias dos trabalhadores.

Para Neri (2011), o governo, com seus programas habitacionais e intervenções, ajudou a construção civil a ostentar crescimentos constantes devido, sobretudo, à isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para os materiais necessários ao setor, ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e Minha Casa, Minha Vida, que possibilitaram aos brasileiros a aquisição de moradias com preços reduzidos.

Considerações Finais

A indústria da construção civil apresenta importância primordial para a economia brasileira com grande participação nas riquezas produzidas pelo país. Atua na (re)produção do espaço urbano e oferece qualidade de vida para aqueles que podem pagar, atendendo os interesses do capital. Os trabalhadores desse setor fazem parte dos grupos sociais excluídos que constroem as cidades. Em sua maioria, são do sexo masculino e os principais provedores da renda de suas famílias. São pessoas que começaram a trabalhar muito cedo. Devido as condições de trabalho, este não é um setor atrativo para os jovens e a queda na taxa de renovação reflete também em maiores qualificações dos profissionais.

O crescimento da cidade de Formosa, associado ao crescimento da economia e investimentos governamentais, impulsionou o setor da construção civil, que passou a atrair migrantes da zona rural e de outros municípios, assim como de outras regiões do país, em busca de melhores oportunidades de trabalho, especialmente aqueles que apresentam baixa qualificação técnica. Este é um traço marcante do setor na cidade em decorrência de características próprias dessa atividade, da entrada cedo dos trabalhadores nas obras, geralmente em idade escolar.

Apesar de verificar-se uma melhoria nacional dos níveis de escolaridade dos trabalhadores da construção civil, em Formosa essa melhoria tem sido menor em decorrência

da baixa taxa de renovação e do aumento da idade média dos trabalhadores. A formação dos pesquisados ocorreu, principalmente, pela prática e a baixa qualificação técnica, refletindo-se nos baixos salários, em um alto nível de informalidade e em altos índices de acidentes de trabalho. Programas de qualificação escolar e profissional tornam-se, portanto, imprescindíveis para a melhoria das condições de vida dos profissionais deste setor na cidade.

Referências

ADMI. **Emprego com carteira assinada sobe na construção**. Rio de Janeiro, ago. 2012. Disponível em: <http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=49392>. Acesso em: 02 out. 2015.

AEAT. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho**. Ministério da Previdência Social. 2014. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/dados-abertos/aeat-2014>>. Acesso: 30 set. 2015.

BRASIL. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Ministério do Trabalho e Emprego. 2011. Disponível em:<<http://www.mte.gov.br>> Acesso em: 17 out. 2015.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**.4.ed. São Paulo: Editora Ática. 1999, 94 p.

FIORAVANTE, D. G. **Efeitos da inovação tecnológica sobre o mercado de trabalho: um estudo para o caso brasileiro**. 2007. 45f. Dissertação (Mestrado em Economia de Empresas). Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2007.

GARCIA, F.; DIAS, E. C. O Perfil do Trabalhador da Construção Paulista. **Conjuntura Construção**, ano 9, n. 2. 2011.

IRIART, J. A. B.; OLIVEIRA, R. P.; XAVIER, S. S.; COSTA, A. M. S.; ARAÚJO, G. R.; SANTANA, V. S. Representações do Trabalho Informal e dos Riscos à Saúde entre Trabalhadores Domésticas e Trabalhadores da Construção Civil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 165-174, 2008.

KELLY-SANTOS, A.; ROZEMBERG, B. Estudo de recepção de impressos por trabalhadores da construção civil: um debate das relações entre saúde e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, 22(5), p. 975-985. 2006.

MENDES, R. R. C. **Investigação da mão-de-obra no setor da construção civil na região central de Viçosa-MG, quanto a treinamento e qualificação**. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

NERI, M. C. **Trabalho, educação e juventude na construção civil**. Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em:< <http://www.fgv.br/cps/construcao>>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

OLIVEIRA, V. F.; OLIVEIRA. E. A. A. Q. O papel da indústria da construção civil na organização do espaço e do desenvolvimento regional. In: THE 4TH INTERNATIONAL CONGRESS ON UNIVERSITY-INDUSTRY COOPERATION, 4, Taubaté, 2012. **Anais...** Taubaté: Congresso Internacional de Cooperação Universidade-industria, 2012.

PEREIRA, E. S. **Análise das Estatísticas de Acidente do Trabalho na Construção Civil**. Ministério da Previdência Social, 2014.

PMAD. **Pesquisa Metropolitana por amostra de domicílio – Formosa**. Brasília, 2014. 98p.

RODRIGUES, D. S.; SANTOS, N. A. Desperdícios ativos e passivos nos gastos com saneamento e habitação: Evidências Empíricas no Programa de Aceleração de Crescimento (PAC). In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 15, São Paulo, 2015. **Anais...** São Paulo: 2015.

ROLNIK, R.; KLINK, J. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? **Novos estudos**, n. 89, 2011, p. 89-109.

SAMPAIO, J. R. **Qualidade de vida no trabalho e psicologia social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SILVA, I. Teoria do emprego segundo o enfoque do capital humano, da segmentação e dos mercados internos. **Revista da Fapese**, Sergipe, v. 2, n. 2, jul/dez. 2006. Disponível em: <http://www.fapese.org.br/revista_fapese/v2n2/artigo8.pdf>. Acesso em: 25 set. 2015.

SNIC. **História**. 2010. Disponível em: <<http://www.snic.org.br/historia.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2015

STICMB. **Pisos da Construção Civil do Distrito Federal e Entorno**. 2015. Disponível em: <<http://www.sticmb.org.br>>. Acesso em: 30 de set. 2015.

Recebido para publicação em 20/02/2017

Aceito para publicação em 13/09/2017